

Cheguei à UERJ como aluna da Faculdade de Ciências Médicas em 1972. Tenho viva na memória, como se fosse hoje, a emoção do primeiro encontro. Me apaixonei de saída. Ali estava tudo o que eu almejava para a minha vida, trilhar a carreira escolhida, fazer amizades e mergulhar na efervescência política daqueles tão difíceis e dolorosos anos. Deste primeiro encontro derivou tudo o que fiz e pude ser na vida. Plagiando mais uma vez o poeta, a UERJ me deu régua e compasso.

Esta universidade, concebida como uma “microuniversidade urbana”, transformou-se, ao longo de décadas de muito trabalho e espírito inovador, em um outro modelo institucional sem, no entanto, perder sua marca original: ser uma instituição que, através de cursos noturnos e de sua localização, atendia a uma clientela de estudantes trabalhadores que vinha dos subúrbios cariocas.

Para mentes mais elitistas, a “princesinha da Vila”, como era jocosamente chamada, estava muito aquém de suas coirmãs, que \* Este depoimento foi escrito em junho de 2017, por ocasião da campanha “UERJ em luta”. 109 Nilcéa Freire, mulher em movimento Primeiro movimento: UERJ ignoravam o crucial legado social que se estava engendrando naquela que hoje é a UERJ. Uma universidade com um indelével compromisso social, atuando com vigor na graduação, ultrapassando os seus muros através de centenas de projetos de extensão e fazendo pesquisa de forma profissional, com excelência comprovada mediante diferentes indicadores acadêmicos.

Tive o privilégio de acompanhar o crescimento e as mudanças pelas quais a UERJ passou. Tenho muito orgulho de ter sido professora de Parasitologia na FCM e depois, a convite dos Reitores Ivo Barbieri e Hésio Cordeiro, trilhar uma carreira na administração universitária. Fui assessora da Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, diretora de Planejamento, Vice-reitora e Reitora desta instituição.

Tive a felicidade de ver nossa universidade adquirindo novos matizes com a implantação dos sistemas de cotas raciais e sociais. A UERJ não se resume ao movimentado campus do Maracanã e seus vizinhos de Vila Isabel e do Centro do Rio: ela está presente em São Gonçalo, Caxias, Nova Friburgo, Resende, Ilha Grande e, nos anos recentes, em Teresópolis. Onde está, a UERJ faz diferença e contribui para o desenvolvimento local e regional.

Hoje, ao assistirmos à tentativa de desmonte da nossa instituição perpetrada pelos governantes do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil, sinto um misto de indignação e tristeza. A UERJ já passou por outras crises, mas nenhuma se iguala a que estamos vivendo agora. Nós, que temos um compromisso inabalável com o desenvolvimento da Educação, da Ciência, da Tecnologia e das mais diversas formas de expressão cultural no nosso país, não descansaremos enquanto à UERJ não for restituído o respeito devido.

Sou UERJ, somos UERJ, hoje e sempre!